opusdei.org

Criar o lar: uma tarefa comum que dá sentido ao trabalho

O ritmo de vida atual parece colocar um dilema: ou trabalho ou filhos; ou você trabalha ou cuida da casa; parece impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Artigo da série sobre o amor humano.

12/01/2016

Para conhecer o plano de Deus para o homem e a família é preciso voltar

às origens. “Ortega y Gasset recorda a história do explorador do Polo que depois de apontar com sua bússola para o norte, corre com seu trenó (...) para comprovar que se encontra ao sul da sua posição inicial. Ignora que não viaja por terra firme, mas sobre um grande *iceberg*, que navega veloz na direção oposta ao seu caminho. Também hoje, muitos com boa vontade apontamos a nossa bússola ao norte para avançar, ignorando que navegamos sobre o grande *iceberg* das ideologias e não sobre a terra firme da verdade e da família”[1].

No berço da humanidade, estão as pautas necessárias, a bússola que marcará sempre o norte.

A primeira dessas pautas ou chaves indicadas no Gênesis é que fomos criados para amar e ser amados, e isto se realiza no “serão uma só carne”[2] de homem e mulher, um

dom de si enriquecedor e fecundo, que se abre para novas vidas. O casamento, configurado como entrega recíproca, como chamado ao amor, seria uma primeira pauta.

A segunda deriva da anterior, e se concretiza no mandato divino: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a”[3]. Aqui aparece a conexão entre família (multiplicai-vos) e trabalho (dominai a terra), inseparavelmente unidos num mandato único. Ou seja, desde que Deus cria o homem deixa clara a obrigação de trabalhar, e também o sentido profundo do trabalho: não se trata da mera realização pessoal, de um capricho, ou de um passatempo, mas de transformar a terra para convertê-la em lar. Desde a origem da humanidade, trabalho e família vão unidos e o sentido do trabalho não é outro que o de servir à família. É uma forma de entrega – como o era

a dos esposos Adão e Eva –, um dom de si, nunca um dom para si mesmo.

Perdido o sentido da família, perdido o sentido do trabalho

No entanto, no último século e meio houve – ao menos nos países mais desenvolvidos – uma ruptura, e dá a sensação de que família e trabalho, que na sua origem são inseparáveis, são agora incompatíveis. A família aparece como um obstáculo para o trabalho, e vice-versa. Ser mãe, por exemplo, converteu-se para muitas mulheres numa desvantagem no trabalho. Então, onde fica aquele preceito do Gênesis? O que era um único mandamento, e vocação original, transformou-se, para muitos, em um dilema: o trabalho ou os filhos, ou trabalhar ou cuidar da casa, as duas coisas parecem impossíveis juntas.

É significativo que esta contraposição coincida no tempo com a crise da

família. O que pode levar-nos a pensar que uma crise tenha levado à outra, já que as suas raízes se comunicam. A perda do sentido da família levaria automaticamente à perda do sentido do trabalho. Pois, de fato, em muitos casos, não se concebe o trabalho como um serviço para a família, mas como um fim em si mesmo; e não há lar, ou são lares desfeitos, esquecidos, onde falta o calor familiar.

Ao produzir essa contraposição, em muitos países do Ocidente se inverteram os termos: a empresa se apresenta como uma família, e a família se reinventa como uma empresa, com divisão de funções e cotas paritárias, tal como observava Arlie Hochschild num estudo com título eloquente: “Quando o trabalho se converte em casa e a casa se converte em trabalho”[4].

Mas seria errado pensar que o ambiente do lar se alcança através de cotas paritárias ou uma espécie de divisão de trabalho. Alcança-se, em vez disso, recuperando o verdadeiro significado da família e, ao mesmo tempo, o verdadeiro significado do trabalho. A verdadeira conciliação não depende – somente – das leis do Estado, mas fundamentalmente de que marido e mulher se conciliem. Porque eles são os verdadeiros artífices do lar. São livres para trabalhar fora de casa e ter filhos, escolhendo recuperar o trabalho do lar.

Isto resolveria o dilema ao que antes nos referíamos.

Depois virá a tentativa de transformar as leis para que o Estado facilite essa escolha a serviço da família, e conseguir uma cultura empresarial nessa linha. Porém primeiro devem ser as próprias

famílias, os esposos, que reconquistem o verdadeiro sentido do trabalho como dom de si e serviço ao cônjuge e aos filhos. Algumas mães optarão por manter uma atividade profissional fora de casa e outras se dedicarão plenamente ao lar, sendo as duas opções igualmente legítimas e, em primeiro lugar, sabendo que o trabalho é serviço e não um fim em si mesmo.

O lar, primeiro passo para superar a crise da sociedade.

Construído assim, o lar se converterá em ponto de encontro das duas realidades, família e trabalho. O lar como lugar do dom de si e do amor dos esposos, e, portanto da verdadeira conciliação; e como tarefa comum que cabe a todos os membros da família. A casa não é só abrigo para descansar e depois voltar ao trabalho, mas o lugar do amor sacrificado, a escola de virtudes, e a

melhor resposta ao mandamento de “crescei e multiplicai-vos e dominai a terra”.

Sem sair das quatro paredes do lar pode-se transformar o mundo: “atrevo-me a afirmar que, em boa parte, a triste crise que agora padece a sociedade está enraizada no descuido do lar”[5].

Se o centro do lar é o amor dos esposos que transmite vida e se irradia aos filhos, seus eixos são o leito conjugal e a mesa, entendida como espaço de convivência entre pais e filhos e entre irmãos, lugar de ação de graças a Deus e de diálogo. É significativo que os ataques mais duros à família se produzem aí. No primeiro caso, do hedonismo e da ideologia do gênero, que separam os aspectos unitivo e procriativo do ato conjugal; e no segundo, através do barulho gerado pelo mau uso da televisão, internet e outras

tecnologias que tendem a isolar o adolescente, impedindo sua abertura aos outros.

Não é casualidade que uma das primeiras medidas que adotaram alguns regimes totalitários foi proibir a fabricação de mesas altas, e promover o uso de mesinhas baixas ou individuais; com isso a reunião familiar em torno da refeição ficava muito difícil. Atualmente, o abuso da televisão e da tecnologia – unido a outros fatores como o trabalho ou as longas distâncias – estão produzindo um efeito semelhante no seio das famílias.

A importância da mesa: ação de graças, diálogo, convivência

Devolver à mesa a sua categoria é uma forma de recuperar o ambiente do lar. Na mesa confluem os dois elementos do mandato duplo do Gênesis: a família, pais e filhos –“crescei e multiplicai-vos”–, e o fruto

do trabalho –“dominai a terra”–. A mesa oferece a oportunidade de agradecer ao Criador o dom da vida e os dons da terra: é diálogo com Deus, também através da materialidade dos alimentos que recebemos da sua bondade; e tem uma função crucial educativa e comunicativa: os filhos se nutrem da comida, e também da palavra, da conversa, do debate de ideias, e até dos atritos e discussões, que contribuem para formar seu caráter.

Daí a importância de dedicar um tempo diário e específico à mesa. Se não é possível tomar o café da manhã ou almoçar juntos, ao menos convém reservar o jantar para promover esse espaço de diálogo e de convivência.

Um espaço que se prepara com tempo e vontade; que se constrói com renúncia e sacrifício; que inicia com a benção dos alimentos,[6] e que

gira ao redor de uma conversa. É uma ocasião de ouro para os pais educarem não com discursos, mas com gestos pequenos, detalhes aparentemente insignificantes; e para os irmãos aprenderem a entender-se, colaborar, renunciar… Tempos e lugares compartilhados que formarão sua identidade, recordações memoráveis que os marcarão profundamente.

Uma tarefa estimulante que envolve todos, já que a oração, a ação de graças e o diálogo, mais do que a comida, é o que realmente alimenta e sustenta a família.

Apostar numa cultura da família supõe "sair" do *iceberg* de ideologias enganosas e recuperar o verdadeiro sentido do duplo mandato do Gênesis. E pode-se conseguir a partir de um perímetro tão modesto como as quatro paredes do lar, contorno paradoxal porque sempre é "maior

por dentro do que por fora”, como descrevia Chesterton; resgatando a comunicação, o amor dos esposos, e a participação na mesa; deixando sempre um prato a mais…, para o caso de Deus querer vir jantar nesta noite.

Teresa Díez-Antoñanzas González y Alfonso Basallo Fuentes

---

[1] J. Granados, *Ninguna familia es una isla*, Burgos 2013.

[2] Gn 2,24.

[3] Gn 1,28.

[4] A.R. Hochschild, “When work becomes home, and home becomes work”, California Management Review (1997), 79-97.

[5] J. Echevarría, Carta pastoral, 1-06-2015.

[6] Cfr. Papa Francisco, Carta Encíclica Laudato si', n. 227.

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/criar-o-lar-uma-tarefa-comum-que-da-sentido-ao-trabalho/ (11/12/2025)